

## EDITORIAL

O presente número da PRISMA pretende expressar a pluralidade da reflexão filosófica no que concerne aos conteúdos e métodos da Filosofia, reunindo temas e problemas de diferentes períodos filosóficos, sob perspectivas e considerações distintas, no exercício do enfrentamento da realidade e, conforme Hannah Arendt, na atividade intelectual da responsabilidade política pelo mundo, que implica a responsabilidade crítica e social do filósofo que, na esfera pública, questiona, ensina e busca impedir a banalização do mal nas suas diversas formas.

Abre o presente número o artigo intitulado *Fílon de Alexandria e o contraste entre a prática das virtudes e as paixões dos pederastas*, de autoria de Jeane Torres da Silva e Valcicléia Pereira da Costa, no qual as autoras enfatizam os contrastes entre virtudes e paixões, especialmente as paixões dos pederastas, objetivando resgatar os fundamentos filosóficos da virtude grega, a partir da concepção de *areté*, que influenciaram o entendimento de Fílon de Alexandria a respeito da prática das virtudes que, quando alinhadas à transcendência com o divino, podem favorecer a dinâmica do autocontrole e contribuir para o apaziguamento das paixões e desejos, favorecendo a harmonia e a integralidade das dimensões do ser.

Rodrigo José de Lima e Marcos Roberto Nunes da Costa, no artigo *Tomás de Aquino e o realismo direto da sensação*, defendem que o processo sensório em Tomás de Aquino é estritamente realista na medida em que estabelece uma relação direta entre os sentidos e os objetos. Partindo de uma breve análise do texto aristotélico *De anima*, do qual a gnosiologia de Tomás é devedora, analisam como a teoria do conhecimento do Aquinate julga os objetos sensíveis estabelecendo uma especificação que determina a ação que tais objetos exercem sobre os sentidos, evitando o âmbito subjetivista no qual as afecções seriam reduzidas exclusivamente às instâncias internalistas. Assim, concluem que é o composto que é dado na sensação, ou seja, sentir não é um ato da alma apenas, mas implica concomitantemente o corpo com seu aparelho sensório.

Bárbara Romeika Rodrigues Marques, no artigo intitulado *A vez da intuição: notas sobre a filosofia bergsoniana para pensar a educação escolar*, discute, a partir da filosofia de Henri Bergson, o conceito de intuição relacionando-o à duração para afirmar o sentido da educação como elo entre ser e mundo. Desse modo, por meio da crítica à instrumentalização do conhecimento, entende que a composição de intuição e inteligência reafirma a singularidade da atitude educativa e pode intensificar a tríade sentir, pensar e agir no contexto escolar.

No artigo intitulado *Sobre a constituição dialógica da identidade humana em Charles Taylor*, Adriano Tadeu Ulbrich e Douglas João Orben discutem sobre a identidade humana a partir do pensamento do filósofo canadense Charles Taylor, segundo o qual o fortalecimento da identidade depende de relações significativas evocadas pelo indivíduo e sua própria realidade, pois se entende que o ser humano é capaz de desempenhar um papel social e de encontrar o esclarecimento acerca de sua individualidade numa perspectiva valorativa. Desse modo, os autores apontam para a inautenticidade da postura humana quando se desprende da realidade e do significado histórico que esta possui, o que pode ser interpretado como desorientação de uma vida que, enquanto continuidade narrativa, encontra na história referência para o seu desdobramento.

Sara Louise Aquino Almeida Peixoto, no artigo *Educação e sentido: Chesterton e Lewis em defesa do mundo das fadas*, propõe uma experiência de ensino de filosofia apoiada na leitura e na interpretação de textos poético-literários, com base na imaginação como fonte de conhecimento. Desse modo, a autora indica que os contos de fadas são um antídoto ao subjetivismo e que a imaginação não é útil somente ao ensino de filosofia, mas ela precisa ser desenvolvida, pois é um componente universal da natureza humana.

No artigo intitulado *O problema do ateísmo em Luc Ferry e Comte-Sponville: considerações sobre uma espiritualidade sem Deus*, Wesley de Jesus Barbosa discute sobre uma espiritualidade sem Deus, fundamento de uma ética laica alicerçada, conforme Luc Ferry, na revolução do amor, livre de todo fanatismo e dogma. Trata-se de um amor prático que se manifesta no exercício do amor aos filhos, à esposa, ao próximo, ou seja, um amor factível, concreto. Wesley Barbosa aborda ainda a crítica que Comte-Sponville faz aos valores morais supremos em virtude da instabilidade da vida e do mundo que impossibilita posicionamentos morais rígidos e que requer dos sujeitos autonomia capaz de criar seus próprios valores. E conclui que, tanto em Ferry quanto em Sponville, a defesa do amor como práxis requer a prática da tolerância.

Em *Gênero e masculinidades na produção de violências*, Ronaldo Braga Dantas Filho, Gisele Cristina Resende, Ana Paula Pereira Nabero e Breno de Oliveira Ferreira, a partir de uma breve revisão teórica que inclui autores como Judith Butler, Pierre Bourdieu e Raewyn Connell, discutem a questão de gênero, sobretudo sobre masculinidades, e a produção de violência nas relações humanas, analisando dados referentes à violência praticada e sofrida por homens. Como conclusão, observam que as construções hegemônicas da masculinidade têm potencial de influência sobre os atos de violência praticados pelos homens.

Airely Neves Pereira e Loiane Prado Verbicaro em *Refugiados e vida nua: ensaio sobre o*

*estado de exceção e a fragilidade dos direitos humanos a partir do pensamento de Giorgio Agamben*, numa perspectiva ensaística, examinam o contexto paradoxal da crescente valorização do discurso de proteção aos direitos humanos e, simultaneamente, da crise humanitária. A partir da noção de estado de exceção, com base no pensamento de Giorgio Agamben, as autoras investigam a vida nua dos refugiados e o enfraquecimento das democracias, observando que o estado de exceção tem sido usado mais como técnica de governo do que como medida excepcional. Concluem que as pessoas refugiadas são vistas com indiferença e destituídas da dignidade humana, o que indica que os direitos humanos ainda se mostram irrealizados.

No artigo *Da mobilização total à indústria cultural: aproximações entre Marcuse e Adorno*, Emanuel Djaci de Oliveira Leal relaciona o conceito de indústria cultural com o de mobilização total, com base no pensamento de Adorno, Horkheimer e Marcuse, pois tais pensadores discutem os artifícios autoritários do capitalismo como resposta à crise do sistema capitalista após 1929. Ambos os conceitos trabalham a dominação íntima individual requerida pelo sistema capitalista em sua nova etapa, baseados na conquista de seu psiquismo, por meio da cultura, para a manutenção do *status quo*.

Esse mais recente número da PRISMA, além de divulgar a produção acadêmico-científica em Filosofia, pretende ser estímulo para a reflexão e a pesquisa sobre os diversos temas filosóficos.

Os Editores